

ANAIS DO  
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS  
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava  
Secretário Geral da ANPUH

# O HOMEM E A TÉCNICA

Volume II

SÃO PAULO - BRASIL

1979

## OPERARIADO JUDEU NO IMPÉRIO RUSSO: POLÍTICA E MANUFATURA\*

---

JAIMÉ PINSKY  
(UNICAMP - SP)

No final do século XIX o desenvolvimento do capitalismo na Rússia havia provocado uma acentuada diferenciação entre os judeus, habitantes do Império. De um lado, os capitalistas, ligados às indústrias ferroviária ou a setores financeiros, de outro uma larga faixa de homens oferecendo sua mão-de-obra em condições sub-humanas. A industrialização que, em seus primórdios tinha exigido o trabalho artesanal judeu, vai superá-lo, engendrando-o e marginalizando-o rapidamente, criando a miséria institucionalizada.

Dados de 1898 dão conta que em Odessa, 11% e em Fkaterinoslav, 22% dos artesãos vivem de instituições beneficentes. Transformado, pela primeira vez, em força de trabalho disponível, o judeu desenvolve um fluxo migratório, inicialmente, para a Europa Ocidental e depois para a América. Mas grande parte permanece na Rússia e começa a atuar politicamente.

Esta comunicação visa discutir a relação entre o trabalho concreto realizado pela massa judaica e a atividade política daí decorrente, no Império Czarista. Sendo parte de um projeto mais amplo, a bordarei aqui, de forma específica, algumas questões ligadas à relação entre consciência nacional e consciência social, tomando como objeto de estudo a União dos Trabalhadores Judeus na Rússia e na Polónia - o *Bund*.

As origens do *Bund* têm que ser procuradas, em termos organizacionais, no "Grupo Social Democrático Judeu", mais conhecido como "Grupo de Vilna", criado em 1890 por um punhado de jovens de 17 a 25 anos(1) na maioria estudantes e filhos de *maskilim*(2). Tinham sido ou estavam sendo educados em escolas russas e sua cultura judai-

---

\* Comunicação apresentada na 5a. Sessão de Estudos, Equipe A, no dia 22 de julho de 1977. (Nota da Redação)

ca tradicional não era das mais significativas. O *ídishe* não era sua língua.

Já em 1892, o grupo consegue promover uma manifestação de 19 de maio com a presença de 100 trabalhadores, fruto de intensa atividade dos líderes que se baseavam nos chamados "*círculos*". O operário era atraído para o "*círculo*" e passava por três estágios: 1) - era alfabetizado em russo; 2) - estudava ciências naturais e 3) - estudava economia e idéias socialistas. Esses métodos baseavam-se em busca de uma unidade do operariado russo e também na crença de que cada operário, uma vez treinado, poderia funcionar como elemento de difusão da cultura russa, do evolucionismo e de idéias socialistas.

Na prática, isso não ocorreu ao menos na medida do esperado e lá por 1894, uma reformulação tática começa a se fazer sentir.

Gozhansky escreve *Uma carta aos agitadores* e Kremer publica, junto com Martov - futuro líder menchevique - *Sobre a agitação*. Ambas as obras refletem um espírito de renovação tática em que a agitação passa a ser a base do programa social democrata. Como decorrência havia que se chegar, rápida e eficientemente, ao maior número possível de operários.

O "*círculo*", a língua russa e a longa preparação teórica são abandonados e o *ídishe* passa a ter uma importância fundamental. A preocupação, agora, era atingir o operário judeu no marco de sua cultura.

A tática de agitação vai encontrar duas fortes áreas de resistência entre os próprios operários. Primeiramente, porque muitos se intimidaram após sentirem a reação dos patrões que começaram a despedi-los, devido às contínuas greves e lutas reivindicatórias que promoviam. Depois, o "*círculo*" se constituía numa forma de *ascensão pela cultura*, única forma que muitos trabalhadores encontravam para se aproximar da cultura russa, uma vez que o sistema escolar era bastante restritivo.

Por outro lado, havia um problema muito prosaico para os líderes intelectuais do "*Grupo*": desconheciam o *ídishe*. Para enfrentar o problema, arremeteram estudantes pobres (os *oremebochers*) da *ieshivá*(3) de Vilna, que passaram a ter a curiosa função de intermediários entre o intelectual e o operário. Por outro lado, transcenderam o pa-

pel que lhes havia sido destinado, eivando o movimento de fontes messiânicas de justiça social e a cultura do *shetetl*, no geral. Nesse período começaram a aparecer obras que refletiam a vida do operário judeu nas cidades, trabalhos de Peretz e David Pinski.

Em 1896 já havia em Vilna, 27 sindicatos organizados com quase 1.000 operários organizados, número pouco superior ao registrado no Minsk, embora o dado apresentado no Congresso Internacional socialista de 1896 em Londres falasse em 3.000 membros(4).

Os resultados parecem ter sido positivos, tanto considerando o aumento salarial, quanto a redução de horas de trabalho entre 1 e 3 em Vilna e Minsk(5). O movimento foi se alastrando, tendo chegado em 1897 a Bialostok e Vitebosk

\*  
\*   \*  
\*

#### JUDEUS CONTRA JUDEUS

Em termos de comunidade judaica, a divisão ia se acentuando. Em diversas ocasiões - de greves, por exemplo - os rabinos - comprometidos com os ricos, de quem dependiam economicamente - colocaram-se abertamente contra os operários, alegando que sua atitude, por ser ilegal, atraía a ira do governo contra todos os judeus. Em compensação, apareciam panfletos como *O pregador da cidade* que se perguntavam

*"devem os trabalhadores ficar em silêncio, uma vez que os escolhidos pela comunidade estavam levando a luta dos capitalistas contra os trabalhadores para dentro do templo?"*.

e respondiam

*"não há apenas um povo judeu; de fato ele está dividido em duas classes, cuja oposição é tão radical que não diminui com a santidade do templo e nem se inclina diante da força e crueldade da política russa"(6).*

O mito da unidade judaica, de origem corporativista e de fortes traços etnocêntricos estava superado pela realidade social. Ca-

pitalistas e operários definiam-se logo. A classe média oscilava entre as diferentes lealdades dum judaísmo que podia se identificar profeticamente com os oprimidos (a justiça social), tradicionalmente com os líderes comunitários ou culturalmente com um idishismo que produzia desde obras de contestação, até saudosistas e bem comportadas descrições de cidadezinhas. Na obra de Sholem Aleichem essa indecisão e inseqüência toma tons dramáticos, quando, por exemplo, a filha abandona a cidade e a tradição para se juntar ao noivo, revolucionário, que busca, liberdade para todo o seu povo, através da alteração social e não apenas para si mesmo, por meio do estudo.

O pai pergunta à moça, num belíssimo diálogo entre revolução e tradição:

— *Você se despede de mim para sempre? O que significa isso?*  
 — *pergunto a Hodel e enterro os olhos no chão, para que ela não note como fiquei pálido.*

— *Significa - diz ela - que vou embora amanhã cedinho e nunca mais nos veremos ... Nunca mais.*

(...)

— *Para onde vai você - digo eu - se é que mereço saber?*

— *Para junto dele - diz ela.*

— *Para junto dele? - digo eu - onde é que ele se encontra agora?*

— *Por enquanto continua preso, mas em breve será mandado para longe.*

— *Quer dizer então que você vai se despedir dele? - indago, fazendo-me de ingênuo.*

— *Não - diz ela - vou acompanhá-lo até lá.*

— *Até lá. Que "lá" é este? Como se chama o lugar?*

— *Não se sabe ainda ao certo - diz ela - como se chama o lugar, mas de qualquer maneira fica longe, terrivelmente longe...*

*É o que ela, isto é, Hodel, me diz, dando-me a impressão de que fala com um sentimento de grandeza, de orgulho, como se o Pimen tinha houvesse praticado algo tão extraordinário que merecesse uma medalha de uma tonelada de ferro"(7).*

Dois órgãos de imprensa, em *ídiche* se destacaram: em 1896 aparecia *Der Ídisher Arbeter* (O Operário Judeu), escrito em Vilna e impresso no exterior. Vladimír Kosobsky fazia quase tudo no início desta revista que acabou se tornando o órgão do Comitê Estrangeiro do *Bund* e foi publicado até 1904. *Di Arbeter Shtime* (A Voz do Operário) surgiu em 1897, fundada pelos semi-intelectuais (assim eram chamados os rapazes, saídos dos seminários rabínicos e que funcionavam entre os intelectuais do partido e as massas) mas logo se transformou no órgão oficial do comitê central, tendo durado até 1905.

\*

\*   \*   \*

## A FUNDAÇÃO DO *BUND*

Até 1897, apesar de todas as suas conquistas, os movimentos socialistas judeus não tinham chegado à unificação. Plekanov havia afirmado a seu respeito

*"... esses párias, que sequer possuem os miseráveis direitos dos cristãos e mostraram tanta firmeza na sua luta contra os exploradores e tanta consciência na compreensão das tarefas sócio-políticas do movimento operário contemporâneo, podem, de certo modo, ser considerados a vanguarda do exército de trabalhadores da Rússia".*

mas insistia em que deixasse de haver grupos isolados em Minsk e Vilna, em troca de um único, mas devidamente centralizado.

O *Bund* foi formalmente criado em outubro de 1897, em Vilna(8). Marcando a posição do agrupamento, Kremer afirma que o *proletariado judeu participará do partido russo geral, mas deverá fazê-lo de forma organizada e não ao nível de indivíduos ou de pequenos grupos. Essa declaração de princípios, por ser extremamente ampla, será, anos depois, interpretada ao sabor de interesses políticos, como veremos.*

Criou-se, na ocasião, um Comitê Central com funções de Coordenação, sem, no entanto, ter o direito de se envolver no trabalho específico de cada localidade. Seus membros, Kremer, Kossovsky e Mutni-

kovitch. O nome do agrupamento, após algumas discussões, passou a ser União Geral dos Trabalhadores Judeus na Rússia e na Polônia - *Bund fun di idische arbeter in Russ land un Poiln* - de onde, simplesmente, *Bund*.

A 19 de maio de 1898, em Minsk, foi fundado o Partido Social Democrata Russo dos Trabalhadores, com significativa representação e participação do *Bund*. Em julho do mesmo ano, a polícia política russa prendia os membros do comitê central do *Bund*. E em setembro, um novo congresso - o segundo - do *Bund* foi convocado para fazer frente à repressão. Aí a vitalidade do grupo se revelou. Criou-se um novo Comitê Central (David Katz, Tsivia Hurvitch e Sendor Zeldov), houve a condenação de praxe "*aos métodos de sufocação das liberdades por parte do governo russo*" e montaram-se novos esquemas de combate.

Panfletos eram produzidos a granel, já não se discutia sua validade. As sinagogas eram utilizadas como locais de reunião política, a filiação dos operários do partido crescia muito nos últimos anos do século. Embora os dados quantitativos não sejam muito seguros, por razões compreensíveis em se tratando de partido clandestino, toda a literatura do período assim como a documentação encontrada, deixa clara a identificação do *Bund* como o movimento do operariado judeu.

A maior parte das greves visava o aumento de salários e a redução das horas de trabalho(9). Entretanto, cerca de 10% dos movimentos visava a readmissão de colegas despedidos e cada operário ficou três semanas sem trabalhar em 1898 e 17 dias no ano seguinte, devido às suas lutas reivindicatórias.

Além de colocar a política contra os líderes operários, os patrões - muitos deles judeus - usaram de um recurso muito hábil: começaram a contratar cristãos para furar greves. Os bundistas tinham plena consciência de que qualquer tentativa de impedir, pela violência, o trabalho desses cristãos (o que fariam sem pestanejar se o fura-greves fosse judeu), poderia desencadear um processo de anti-semitismo controlado pelo governo.

\*

\* \*

## A QUESTÃO NACIONAL

Nesse clima, recessão econômica e repressão violenta, oposições de classe superando eventuais solidariedades grupais, vai se desenvolver o 3º Congresso do *Bund*, em dezembro de 1899. Pela primeira vez, a *questão nacional* é discutida, sugerida por um candente artigo de Jidlovsky que afirma ser objetivo socialista conseguir não apenas direitos civis, mas também direitos nacionais.

Posteriormente ele formularia a questão da seguinte maneira:

*"Em nosso ideal socialista temos de incluir também a exigência de livre arbítrio nacional, e sob o termo nação cumpre entender não só uma união de nações como um grupo étnico dominante, como se faz atualmente, mas todo grupo étnico, por maior ou menor que seja, contanto que alimente a vontade de levar uma existência nacional própria"*(10).

Transformada em proposta, a idéia é recusada, mas não desaparece. Voltaria mais tarde, uma vez que o chamado sionismo socialista começa a tomar força, jogando com a idéia nacional.

A situação do *Bund*, na virada do século, é de atrito tanto com organizações judaicas, quanto com os socialistas. De um lado, os sionistas, plenos de reivindicações econômicas, mas sem uma atitude política que pudesse assustar as autoridades russas: para eles, a luta deveria se travar numa terra específica, que pudesse funcionar como base estratégica às massas judaicas(11). Para os bundistas, os sionistas (mesmo os ditos socialistas) não passavam de contra-revolucionários nacionalistas.

Por outro lado, a orgulhosa auto-suficiência dos líderes bundistas no exterior e a hábil política czarista de isolar as nacionalidades iriam levando a antiga facção da social-democracia russa a adquirir uma coloração cada vez mais particular, a ponto de poder ser considerada como um partido em si.

No 4º Congresso do *Bund*, realizado em 1901, após 12 horas de discussão, os delegados votaram favoravelmente à declaração que afirmava que

"... cada nacionalidade, além de suas aspirações por liberdade econômica, civil e política (...) também tem aspirações nacionais baseadas em suas próprias características - língua, costumes, modo de vida, cultura em geral - que devem merecer liberdade para se desenvolverem"(12).

Para dourar a pílula, qualquer solução nacional baseada em território foi categoricamente rejeitada.

*Inadmissível* foi a palavra reservada não apenas à opressão de classe ou do Estado, mas também ao domínio de uma nacionalidade sobre outras, uma língua e uma cultura sobre as demais. O Congresso, reconhecendo a complexidade da questão das nacionalidades na Rússia, sugeriu que o Estado deveria ser reorganizado como uma federação de nacionalidades, com autonomia total para cada uma, independente do território que habitasse. Cláusula dessa resolução afirmava ser o povo judeu, para esse efeito, uma nacionalidade.

O Congresso também considerou o "sionismo" - reação burguesa ao anti-semitismo - como prejudicial à consciência de classe devido à sua "agitação nacional".

As tendências deste congresso ressurgem com tintas mais fortes no seguinte, o 5º, realizado em Zurique, em julho de 1903. Lá, Vladimir Medem afirma que já era hora da social democracia considerar o problema nacional, para o qual ele via três saídas: a nacionalista, a assimilacionista e a neutralista. A primeira pecava por excesso - o particularismo - a segunda pela carência - eliminava a singularidade - razão pela qual a terceira se impunha.

O que era o neutralismo para Medem? A forma de cada grupo resolver o seu problema sozinho. No caso do povo judeu, a saída era a autonomia cultural, de vez "que havia e sempre haveria, uma cultura nacional judaica". A proposta de Medem não se tornou resolução. Mas permaneceria na superfície das preocupações do *Bund*(13).

Um encontro de Medem e Trotsky, logo após o 4º Congresso do *Bund* ilustra o estado de espírito e a postura política de alguns líderes do movimento, sua relação com a social democracia russa, os sionistas e o anti-semitismo. Em sua interessantíssima auto-biografia, Me

dem narra:

"Discutimos algumas horas. De início, um dos meus amigos tomou a palavra para expor o programa do Bund, da forma como fora aprovado no 4º Congresso de 1901. Não me lembro dos detalhes do debate, lembro-me apenas que foi bastante agressivo e, como de costume, ambos os lados saíram satisfeitos consigo mesmos. Devo confessar que o rapaz (Trotsky) não me agradou daquela vez e acredito ter sido o sentimento mútuo.

O mais interessante e característico ocorreu, porém, à noite. Após eu ter terminado minha palestra, tomaram a palavra alguns sionistas, simplesmente jovens com idéias confusas. Em seguida falou Trotsky. Aos sionistas respondeu bem, ironicamente. Depois voltou-se contra mim. O fato é que eu tivera a ousadia de endereçar algumas palavras pesadas aos sociais democratas russos. Eu os recriminel pelo fato de sempre terem subestimado o importante trabalho de combater o anti-semitismo e não fiz segredo de que considerava isso um grande pecado e uma grande falha, devendo ser corrigido no futuro. Trotsky tomou as dores dos socialistas russos. Primeiramente, ele disse que minha crítica não procedia, pois eles haviam combatido o anti-semitismo tendo inclusive distribuído um panfleto em Nico Laiev. Segundo, não se deve combater especialmente o anti-semitismo Ele não é senão um resultado da falta de clareza das grandes massas Quando elas compreendessem as coisas, o anti-semitismo evaporar-se-ia de forma natural. Esse pretexto era muito característico"(14).

A questão da melhor tática para combater o anti-semitismo levava ao problema da autonomia política de cada grupo e à própria questão nacional. Assim, técnicas de luta revolucionária e importantes questões teóricas eram freqüentemente enfiadas no mesmo saco. Tudo viria à tona no 2º Congresso da Social democracia russa, realizado em Bruxelas e Londres, em 1903.

\*  
\*   \*  
\*

## BUND x ISKRA

O nível concreto de autonomia do *Bund* não tinha ficado claro no 1º Congresso da Social-democracia russa. Logo no início, a questão fora colocada e os bundistas exigiram, no mínimo, liberdade de escolher seu próprio comitê central, assim como decidir a estratégia naquilo que se referisse ao trabalho com as massas judaicas. Solitavam, também fosse o *Bund* reconhecido como o representante da social democracia russa entre os trabalhadores judeus. Implicitamente, queriam que fosse aceita a autonomia cultural do povo, conforme resoluções de congressos bundistas. Lenine, habilmente colocou para responder a essa argumentação, militantes de origem judaica, inclusive Martov, que fora ideólogo do agrupamento judaico, no início de sua atividade. A posição dos "iskraitas" (15) tinha sido pre parada com antecedência. O que pretendiam era colocar o órgão do Partido (o jornal *Iskra*) produzido no exterior, como centro decisório ao qual deveria se submeter, inclusive, o comitê central da social democracia, no país. Trotsky narra que questionou a saída:

*"Então, o que vai acontecer é a instauração de um regime de plena ditadura da redação, objetei eu.*

*— E o que se perde com isso? respondeu Lenine. Nas atuais circunstâncias não há outro remédio" (16).*

Nessas condições, todas as baterias foram apontadas contra as pretensões dos bundistas. Trotsky, alegando sua condição de judeu (o que provocou a fúria dos bundistas, pois só para atacá-los é que ele se referia à sua origem judaica) afirmou que o que estava em pauta era mais que a questão judaica, a própria sobrevivência do partido organizado. Para tanto, se as prerrogativas solicitadas pelo *Bund* fossem atendidas, qualquer grupo poderia solicitá-las, provocando a dissolução do partido ou, pelo menos, sua inoperância. Trotsky negou ao *Bund* o monopólio da pregação socialista junto aos judeus pois isso poderia ser interpretado como desconfiança aos membros não judeus do partido. Se os judeus quisessem ter suas escolas, nada a opor, desde que elas fizessem parte do sistema nacional e não isolasse a vida cultural judaica da cultura russa.

Trotsky e Martov apresentaram moções contra o *Bund* e elas foram aprovadas por maioria esmagadora(17).

Os bundistas sentiram-se abalados. Contra as definições genéricas do internacionalismo socialista, opunham os *progroms*(18), especialmente o de Kishinev. A solidariedade operária estivera longe de se manifestar naquela ocasião e o pragmatismo bundista opunha-se a formulações que lhes parecia fora da realidade. Comentando a posição de Trotsky na ocasião, Deutcher afirma que

*"... nem ele, nem qualquer socialismo, poderia imaginar, mesmo num pesadelo, que as classes operárias da Europa, tendo ouvido durante gerações as pregações de solidariedade internacional, 40 anos mais tarde seriam incapazes, ou não desejariam, impedir ou deter a mortandade de seis milhões de judeus, homens, mulheres e crianças, nas câmaras de Hitler. (...) Trotsky apresentou-se como judeu contra o separatismo judeu porque sua visão do futuro estava tão distante da 'civilização' européia de meados do século quanto o céu da terra"(19).*

Um dos delegados bundistas, em resposta a Trotsky, afirmou que não se deveria confundir *exclusividade* de trabalho com os judeus e *especificidade* de trabalho entre os judeus. Liber tocou na ferida, desafiando o Partido a reconhecer a realidade sobre a qual se fundara: as nacionalidades eram um fato na vida russa. Disse mais - e suas palavras foram proféticas - que os *iskraitas* pretendiam criar um socialismo internacional, sem um movimento internacional. O estado de espírito dos bundistas pode ser bem captado pela narrativa de Medem:

*"A delegação do Bund fez todo o possível para evitar a catástrofe: a saída do Partido. Ela foi em duas concessões mais além do que permitiam seus princípios (...) mas achou isso importante, porque sabia que os trabalhadores judeus valorizavam sua união com os companheiros russos. Restava, entretanto, um último ponto do qual ela não podia abrir mão: a própria existência do Bund"(20).*

A delegação judaica tentou ainda se compor, em plenário e nos bastidores com os *iskraitas*. Uma última tentativa foi a de

apresentar o *Bund* como "a organização social-democrata do proletariado judaico, não fechada em quadros próprios, e que entra no Partido (social-democracia russa) como o único representante do proletariado judaico".

Medem narra assim o episódio:

*"Este foi o nosso ultimato. Colocada a proposta em plenário, Liber faz uma rápida defesa dela. Martov responde. Vota-se. Todos os delegados do Iskra, como um só homem, votam contra a proposta bundista. Ela foi rejeitada. O destino estava selado. Liber levantou-se e avisou: O Bund se afasta do Partido Russo.*

*Na sala, o silêncio.*

*Saimos.*

*Aconteceu" (21).*

\*  
\*   \*  
\*

## O BUND SE ISOLA

Os acontecimentos posteriores à ruptura entre a social democracia russa e o *Bund* mostram um grande desenvolvimento quantitativo do partido judaico. Aumentam o número de afiliados, os encontros políticos se intensificam e até um *Pequeno Bund* aparece, como movimento educativo para crianças a partir de 10 anos. A social democracia russa, a despeito de atuar entre judeus, principalmente os de Vilna e Varsóvia, vai obter um sucesso muito relativo. A língua *ídishe* - veículo de comunicação obrigatório - não era utilizada pelo Partido Russo, de forma a colocar dificuldade superveniente no difícil trabalho de romper a hegemonia bundista.

O outro lado também atacou. Os sionistas procuraram provar, através do *pogrom* de Kishinev e da saída do *Bund* do seio da social-democracia russa, a inviabilidade de qualquer saída exceto a nacionalista. O *Poalei-Tzion*, que se propunha como partido sionista-socialista angariou adeptos junto ao operariado judaico e explorou o rompimento do *Bund* com a social-democracia russa. Mas o *Bund*

continuava sendo o representante real do operariado judeu, com todas as contradições derivadas desse papel.

Um bom exemplo dessas contradições foi a posição política diante da guerra russo-japonesa de 1904. A social-democracia russa, simplesmente recomendou ao proletariado não entrar no jogo perigoso da guerra. Embora esta devesse ser a posição lógica do *Bund*, a preocupação com possíveis acusações de *traição* aos judeus enquanto grupo, tornavam sua política indecisa. A solução encontrada foi de infiltrar, entre os soldados, ativistas políticos...

Outro fator marcante que mostra o papel do *Bund*, está ligado ao extraordinário incremento da emigração de judeus russos para a Europa e os Estados Unidos. Em pouco tempo, o crescimento do número de bundistas tanto na América como na Inglaterra é de tal porte, que dificilmente poderia ser explicado pelas condições materiais da população judaica em Nova Iorque ou no *East End*, em Londres. Um número expressivo de líderes emigrou com a massa, exportando a inquietação organizada(22).

As relações entre o *Bund* e os demais partidos socialistas não deixam de existir. Ocasionalmente, identificavam sua luta com a dos russos, poloneses ou lituanos. Em 1905, teve um expressivo papel na mobilização das massas na abortada revolução; manifestações e greves se sucederam durante aquele tumultuado ano. Na ocasião, o *Bund* organizou sua auto-defesa junto com outros socialistas, não aceitando liberais e sionistas como companheiros de armas. Desta maneira afirmavam seus membros estarem tomando posição política.

\*

\*   \*   \*

## BUND E CONSCIÊNCIA DE CLASSE

O *Bund*, aos poucos, vai ficando para trás. Isto não ocorre devido ao seu rompimento com a social-democracia russa ou pela eventual - e muito questionável - força que os "*sionistas socialistas*" pudessem ter adquirido junto às massas judaicas. Deve-se, antes, à

característica dessas massa. O fato dos judeus atuarem numa indústria leve e marginal, numa área marginal (a zona de residência judaica, a *cherta*) constituía uma fraqueza que só podia levar os judeus à margem dos locais onde as principais batalhas haveriam de se travar. Isso, aliás, foi percebido tanto por Martov quanto por Borochoy. O primeiro que em 1895 fora um dos teóricos do bundismo, em 1903, no 2º Congresso da social-democracia russa afirmava que

*"... enquanto as fracas organizações letonianas e russas trabalham entre a vasta massa proletária, a bem estruturada organização judaica, possuindo um grande número de articuladores talentosos (...) confina suas atividades exclusivamente a um pequeno grupo de judeus artesãos"(23).*

Borochoy, percebendo a especificidade da mão-de-obra judaica, pregava o sionismo como forma de fortalecer a *base estratégica* a partir da qual - e só então - uma eficiente luta de classes poderia se desenvolver.

É bem verdade que, de início, a mão-de-obra judaica era muito mais reivindicativa que a não judaica, a ponto de atemorizar os proprietários dos meios de produção. Esse fator leva a uma rápida conscientização e união do operariado judeu. Entretanto, os motivos da rapidez de sua organização *vão entrar em contradição com a possibilidade concreta de transformar o movimento reivindicatório em revolucionário.*

Trabalhando em pequenas manufaturas, muitas vezes a relação patrão/operário ficava escamoteada por relações primárias estabelecidas entre eles. Produzindo bens de consumo, qualquer problema econômico se refletia sobre a produção, dificultando a estabilidade do empregado. As perseguições anti-judaicas reforçavam a solidariedade de grupo, escondendo o problema social.

Assim, uma vez mais o concreto e o ideológico se articulam para explicar a História dos judeus. O concreto era o tipo de indústria a que os judeus se dedicavam. O ideológico era a dificuldade de mudarem para a indústria de base, mesmo porque a atmosfera anti-judaica criava barreiras para que isso ocorresse. A não participação - ou a pequena participação - de judeus nas *"verdadeiras frentes de bata*

*Lha*" iria impedi-los de se identificarem ao nível de classe, com os demais operários, fazendo com que suas reivindicações fossem expressas por um partido próprio.

Ao mesmo tempo que representava o operário judeu, o *Bund* respondia pelo judeu operário, quer dizer, ora substantivando o social, ora o nacional.

Nesses dois níveis é que se deve explicar a limitação do *Bund*. Primeiramente pela especificidade do papel social desempenhado pelo seu proletariado: indústria leve, manufatura e artesanato. Em segundo lugar pela característica "*nacional*" que acabou identificando essa faixa de trabalhadores.

Contraditório e oscilante, o *Bund* manteria ligações de solidariedade ora com seu compromisso de classe, ora com seu rótulo de nacionalidade.

Sua capacidade de organização fez com que vencesse muitas batalhas. A falta de um projeto político fez com que perdesse a guerra.

## INTERVENÇÕES

Da Profa. *Junqueira Mussi*.

Pergunta:

"1º - A que mercado se dirige a grande indústria?

2º - O que o Autor considera nação, nacionalidade em seu trabalho?"

Da Profa. *Beatriz Fransén*.

Indaga:

"Na relação das figuras da Revolução Russa inúmeros são judeus. Como se explica essa presença face o ocorrido em 1903?"

Do Prof. *Leonardo Trevisan*.

Pergunta:

"A visão comparativa que foi estabelecida, entre o desenvolvimento capitalista e o autoritarismo, merece maiores atenções. Quais as fases de sua formação?"

Do Prof. *Jaciro Campante Patrício*.

"Solicita maiores esclarecimentos sobre o processo de transição sui generis do pré-capitalismo para o capitalismo na Rússia. No contexto demográfico qual a porcentagem referente à proletarianização dos judeus?"

Respostas do Prof. *JAIIME PINSKY*.

À Profa. *Junqueira Mussi*.

"1 - A grande indústria, de bens de produção, dirige-se ao mercado interno russo.

2 - Observe a colega que o que ressaltado não é o conceito que eu possa dar de nação, mas o que se extrapola do nível de consciência do grupo estudado, no caso o operariado judeu russo e o *Bund*. Assim, meu objetivo é verificar como a idéia nacional se desenvolve num partido operário, com tanta força, que chega a provocar rompimento deste com a social democracia russa. De resto, a questão nacional ainda é pouco estudada naquilo que se refere à sua articulação

ção com a problemática social. Numa obra recente (*Les marxistes et la question nationale, 1813-1914*) Georges Haupt lembra que não se pode falar de uma teoria definida, duma doutrina estática do marxismo no domínio nacional. Com o trabalho que apresento - fração duma obra que deverei publicar brevemente - procuro dar uma contribuição como historiador à questão, evitando partir de uma rigidez conceitual que pudesse determinar, antecipadamente, o resultado da pesquisa".

\*  
\*       \*  
\*

À Profa. *Beatriz Franzen*.

"Em 1903 não houve rompimento dos social-democratas de origem judaica com o partido, mas o desligamento do *Bund* da social democracia russa. Assim, embora os bundistas tivessem rompido, Trotsky Martov, Axelrod e tantas outras proeminentes figuras permaneceram no partido, mesmo porque condenavam - como narra o texto - a posição "nacionalista" do *Bund*.

\*  
\*       \*  
\*

Ao Prof. *Leonardo Trevisan*

"Sua pergunta escrita, que não corresponde, pelas anotações que tenho, àquela formulada no Simpósio, ultrapassa os limites do trabalho, na medida em que sugere um outro em que a relação autoritarismo/desenvolvimento capitalista aparecesse. De qualquer forma, sugiro ao colega e ex-aluno a leitura de trabalhos em que esse tema é tratado, como *A revolução burguesa no Brasil* de Florestan Fernandes".

\*  
\*       \*  
\*

Ao Prof. *Jaciro Campante Patrício*.

"A primeira parte da sua questão, responderia da mesma forma que fiz com relação à pergunta anterior. No meu livro, no prelo, as

*origens do nacionalismo judaico*, trato mais extensamente do problema. Quanto à segunda parte da questão, de acordo com o *Récueil de matériaux sur la situation économique des Israélites de Russie*, Félix Alcan, Paris, 1906/1908, temos os seguintes dados, para 1897:

População total do Império Russo	-	125.668.100 habitantes
População total judaica	-	5.189.401 habitantes
Percentual	-	4,13%

*Distribuição ocupacional*

	Judeus	População total
Manufatura	35,43%	10,25%
Diaristas diversos	6,61%	4,61%
Comércio	38,65%	3,77%
Agricultura	3,55%	74,31%
Outros	15,76%	7,06%
	<hr/>	<hr/>
	100,00%	100,00%".

## NOTAS

- (1) O grupo era composto inicialmente por Arkadi Kremer (conhecido como o "pai do Bund") sua futura mulher, Matle Srednitsky (Patl), Tsemakh Kopelson, Joseph Mill e Samuel Gozhansky, tendo logo depois recebido as adesões de Vladimir Kasovsky (pseudônimo de Naum Levinson), Abraham Mutinikoblitch, Noah Portnoi, Pinai Rosenthal, Anna Heller e Pavel Berman.
- (2) *Maskil* é o adepto de *Haskalā*, o iluminismo.
- (3) *Ieshivā* é o seminário para a formação de rabinos.
- (4) Cf. H.J. Tobias - *The Jewish Bund in Russia*, Stanford University Press, 1972, p. 49 segs.
- (5) Para discussão desses dados vide B. Borochoy, *Di Idishe arbeiter bevegung in tsiferen*, Berlim, s.e., 1923 (em *idishe*).
- (6) *Der Shtot maguid*, Vilna, s/autoria, s/data, s/ed. (em *idishe*).
- (7) Sholem Aleichem. *A paz seja convosco*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1966, pp. 402-403. O texto se origina da novela "Tevia, o leiteiro"; com base nela foram produzidos uma peça musical e um filme (O Violinista no Telhado) que, embora alterando bastante o original, mantém o conflito a que nos referimos.
- (8) Foram membros fundadores do Bund: Kremer, Mutinikovitch, Kosovsky (do "grupo de Vilna) David Katz, Israel Kaplinsky e Hirsh Soroka (operários de Vilna) Pavel Berman, Leon Goldman, Marya Zhaludsky, Joseph Mill, Rosa Grimblat, Hillel Katz-Blum e Yedel Abramov, representando Minsk, Varsóvia, Bielostok e Viebsk.
- (9) Vide material a respeito in *Der Allgemeine Jüdische Arbeiterbund (Bund) in Russland, Polen und Litauen*, de Esther Schneerson, p. 7 in *Zeitschrift für demographie und Statistik der Juden*. Arthur Ruppin director, Februar, 1905, heft, nº 2, vide também H. J. Tobias - *op. cit.*, pp. 95 segs.
- (10) Haim Jidlovsky, in *Teoria da Nacionalidade*, Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, São Paulo, 1971, p. 36.

- (11) "O sionismo socialista" é tratado de forma particular em livro de minha autoria, no prelo, *As origens do sionismo*.
- (12) In H.J. Tobias, *op. cit.*, p. 161.
- (13) A respeito do 5º Congresso do Bund, vide Vladimir Medem, *Für Mein Leben*. Vladimir Medem Comitê, s.L., 1923, pp. 17 segs.
- (14) Mdem, *id.*, pp. 8-9.
- (15) Iskraitas: o grupo que redigia Iskra, órgão da social-democracia russa no exílio. Faziam parte da equipe, Lenin, Martov, Plekhanov, Vera Zassulich, Axelrod e Prtesou.
- (16) Leon Trotsky, *Minha Vida*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1969, p. 142.
- (17) A propósito vide Isaac Deutcher, *O projeta armado*. p. 85 segs. H.J. Tobias, *op. cit.*, pp. 207-220. V. Medem, *op. cit.*, pp. 31-31.
- (18) *Pogroms*, perseguição a judeus. Hoje em dia tem sentido mais amplo.
- (19) I. Deutcher, *op. cit.*, p. 88.
- (20) V. Medem, *op. cit.*, p. 30.
- (21) *Id.*, *Ibid.*
- (22) Vide a respeito a obra de William J. Fishman - *East End Jewish Radicals (1875-1914)*. Duckworth, London, 1975.
- (23) Israel Getzler - *Martov, a political biography of a Russian Social Democrat*, Cambridge University Press, Cambridge, 1976, p. 61.